

artigo

O tecido da morte: Giacomo Leopardi e a moda

The fabric of death: Giacomo Leopardi and fashion

TAÍS DA SILVA BRASIL¹

resumo

A presente investigação objetiva refletir sobre a Moda (personagem do teatro leopardiano) como elemento da cultura que expressa tanto a condição humana e do mundo quanto a crise da civilização moderna, portanto, encaminhando-se por uma via histórico-social e, ao mesmo tempo, ontológica. A partir da compreensão da genealogia hipotética da Moda realizada no *Diálogo da Moda e da Morte* busca, nesse sentido, questionar: sendo a interlocutora principal do diálogo, qual a potência da moda? Quais as possibilidades esquecidas na sua trajetória pelos tempos? Quais as contribuições positivas, como elemento da cultura, foram abandonadas ante a tragédia existencial? Assim, o presente artigo pretende também expor como a Moda faz parte de uma reflexão mais ampla na obra de Giacomo Leopardi (1798-1837), a qual envolve a crítica à modernidade, mas também a investigação sobre a natureza do mundo e humana.

palavras-chave

Moda; Morte; Cultura; Natureza.

abstract

The present investigation aims to reflect on Fashion (character in the Leopardi's theater) as an element of culture that expresses both the human condition and the world as well as the crisis of modern civilization, therefore, moving through a historical-social path and, at the same time, ontological. Based on the understanding of the hypothetical genealogy of Fashion carried out in the Dialogue of Fashion and Death, it seeks, in this sense, to question: being the main interlocutor of the dialogue, what is the power of fashion? What are the forgotten possibilities in your trajectory? What positive contributions, as an element of culture, were they abandoned against the existential tragedy? Thus, this article also intends to expose how Fashion is part of a broader reflection in the work of Giacomo Leopardi (1798-1837), which involves a critique of modernity, but also an investigation into the nature of the world and human.

keywords

Fashion; Death; Culture; Nature.

¹ Graduada em Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Ceará (UECE). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), com pesquisa realizada com apoio financeiro da CAPES (código de financiamento 001). E-mail: taisbrasil4@gmail.com

Antes de mais, é preciso destacar a relevância do *Diálogo da Moda e da Morte*² se o consideramos como um texto que não abandona as temáticas fundamentais da obra de Leopardi ou mesmo o que Walter Binni chama de “matéria dolorosa dos grandes temas”³, de modo a contribuir com esses temas para além do considerado frívolo, supérfluo ou acessório⁴. É um diálogo que contribui para organicidade⁵ dos *Opúsculos Morais* e, na sua especificidade, traz o papel potencial da cultura para a vida, contribuindo de modo relevante com temas mais amplos e centrais sobre os quais Leopardi discorre. É possível ver presente no diálogo algo substancial na reflexão de Leopardi, devendo este não ser considerado marginal por expressar de modo intercambiável, sem fraturas e não estanque o sentido, ao mesmo tempo, histórico e ontológico humano. Por isso, é um texto que se apresenta tanto como uma reflexão metafísica de um fenômeno cultural quanto como antropologia da vida cotidiana⁶.

Nesse sentido, é possível tanto apresentar a Moda como fenômeno moderno, mesmo que ela se estenda a um fenômeno que se ramifica nos aspectos de gosto, costumes, comportamentos, hábitos, para além dos trajes de vestimenta, quanto como expressão da segunda natureza, aquela que nos acompanha pela história da humanidade desde que nos tornamos civilização e passamos a reproduzir os processos de transformação (produção e destruição) que antes eram somente físico-naturais em um plano humano-cultural. A moda, nos seus processos, no seu modo de operar é o próprio modo de se conduzir da segunda natureza que envolve aprendizagem, renovação, adaptação, mas também produção e destruição, o que não deixa de ser uma reprodução da ordem natural do mundo, independente da segunda natureza, no plano da cultura, e nada disso está circunscrito somente à época moderna. Desse modo, Leopardi edifica a Moda como personagem de um teatro histórico, mas também metafísico.

É possível defender que Leopardi antecipa uma reflexão sobre moda, ainda no seu alvorecer, naquilo que ela é peculiarmente moderna, relacionada a questões da aparência, possibilidades de consumo, progresso social, condições psicosociais que fomentam a sua especificidade como fenômeno Moderno, senão não seria levado em consideração por autores que mais tarde pensarão sobre o tema, a exemplo de Walter Benjamin⁷. Não obstante ele levar a reflexão para horizontes mais amplos, principalmente no diálogo, que não causem fraturas entre o pensamento sobre a natureza e a cultura.

² LEOPARDI, G. *Dialogo della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*. 2. ed. Roma: Newton Compton editori, 2018.

³ BINNI, W. *Opere complete di Walter Binni*. Leopardi, scritti 1964-1967. v. II. Firenze: Il Ponte Editore, 2014, p. 281.

⁴ *Ibidem*.

⁵ SANSONE, M. *Storicità e letteratura: da Machiavelli a Leopardi*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1997, p. 207.

⁶ PRETE, A. *La poesia vivente*. Leopardi con noi. Torino: Bollati Boringhieri editore, 2019. Cf. o capítulo Antropologia poetica.

⁷ BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, p. 44.

Portanto, é viável extrair o sentido da moda ligada ao caminho aberto por uma sociedade moderna em todos os seus aspectos, econômicos, sociais e políticos na obra de Leopardi, ou seja, como expressão do modo de ser moderno e segundo Leopardi:

Os homens polidos dessas nações se envergonham de fazer o mal como de aparecer em uma conversação com uma mancha em suas roupas ou com um pano gasto ou rasgado; movem-se para fazer o bem pela mesma causa e com impulso e sentimento nada maior senão para estudar exatamente e executar modas, buscar brilhar com trajes, com acessórios, com móveis, com aparatos: luxo, virtude ou justiça têm o mesmo princípio entre si, não apenas remotamente falando, que está em toda parte e quase sempre, mas falando imediatamente e particularmente⁸.

Leopardi escreve o *Diálogo da Moda e da Morte* entre 15 e 18 de fevereiro de 1824, no mesmo ano em que escreve o *Discurso sobre o estado presente dos costumes dos italianos*, do qual foi retirada a passagem anterior. O discurso de 1824, importantíssimo no que diz respeito à possibilidade de compreensão da visão ético-política de Leopardi, investiga elementos da sociedade e de sua dissolução visível no âmbito da convivência civil em claro tom de crítica à sociedade moderna, ou estreita como iria caracterizar.

A *sociedade estreita*⁹, não obstante buscar manter princípios para a coesão social, fundamentaria a moral em alicerces frágeis como os da apreciação das opiniões comuns e das modas vigentes sem nenhum cultivo compartilhado do que seja verdadeiramente necessário para um equilíbrio na convivência entre os indivíduos, deixando-se levar pelas aparências e o que elas revelariam de uma condição econômico-social, o que degradava, por muitas vezes, em zombaria e desprezo no trato social. A moda é expressão da cultura e do espírito do tempo, com isso, um comportamento misantropo e indiferente não deixaria de ser fenômeno de moda, seguido como se segue de forma massificada e irrefletida, uma 'novidade'.

O grande valor da Modernidade está na aparência, ou melhor, na cisão entre ser e parecer, e esse grande senso comum moderno é algo que gera o verdadeiro ridículo para Leopardi. O uso de máscaras supérfluas e inapropriadas e a constru-

⁸ LEOPARDI, G. Discorso sopra lo stato presente dei costumi degl'Italiani. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 1014. “Gli uomini politi di quelle nazioni si vergognano di fare il male come di comparire in una conversazione con una macchia sul vestito o con un panno logoro o lacero; si muovono a fare il bene per la stessa causa e con niente maggiore impulso e sentimento che a studiar esattamente ed eseguir le mode, a cercar di brillare cogli abbigliamenti, cogli equipaggi, coi mobili, cogli apparati: il lusso e la virtù o la giustizia hanno tra loro lo stesso principio, non solo remotamente parlando, il che è da per tutto e fu quase sempre, ma parlando immediatamente e particolarmente”.

⁹ LEOPARDI, G. Discorso sopra lo stato presente dei costumi degl'Italiani. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 1013.

ção artificial de uma identidade pública¹⁰ no trato civil é que deveria ser tomado como ridículo e ser objeto de riso, porém em uma inversão de valores:

Das coisas verdadeiramente ridículas na sociedade e nos indivíduos é bem raro encontrar quem delas ria¹¹.

O mundo ri daquelas coisas que de outra forma conviria admirar; e desaprova, como a raposa de Esopo, aquelas que inveja. Uma grande paixão amorosa, com grandes consolos para grandes problemas, é universalmente invejada; e, portanto, desaprovada mais calorosamente. Um costume generoso, uma ação heroica, deveria ser admirada, mas se os homens admirassesem, especialmente entre iguais, eles se julgariam humilhados; e, por isso, no lugar de admirar, riem. Isso vai tão além que na vida comum é preciso dissimular a nobreza do operar com mais diligência do que a vileza: porque a vileza é de todos e, portanto, pelo menos é perdoada; a nobreza é contra o costume, e parece que indica presunção, ou que para si se exija elogio; o qual o público, e especialmente os conhecidos, não gostam de dar com sinceridade¹².

Nesse sentido, é uma sociedade que replica comportamentos de dissimulação, de pouca sinceridade, os quais funcionam como autodestrutivos do próprio sentido do viver comum, ou seja, o de amenizar os inconvenientes e as dores físicas e espirituais.

Não há aqui a intenção de esgotar o problema da espiritualização na obra de Leopardi, principalmente porque é um problema caro a ele e cheio de nuances, pois o desenvolvimento do espírito é algo que tem valor para a existência das obras humanas que dão sentido à vida, mas a sua inserção no caminho dos excessos e da cisão com a materialidade da vida é sem retorno e termina por entrar em contradição com a própria vida. No entanto, é preciso dizer do tempo da espiritualização excessiva, no qual o espírito e os sentimentos atribuídos a ele vêm tomados como naturais e não como adquiridos e no qual toda materialidade vem descartada quase como algo sem realidade. O elemento material reconduzido à ordem do espiritual vem ignorado e apenas os efeitos, circunstanciais, são conside-

¹⁰ PRETE, A. *Finitudine e Infinito*: Su Leopardi. 2. ed. Milano: Campi del sapere/ Feltrinelli, 1998, p. 17. Para o autor o ridículo aqui como cisão entre ser e parecer é totalmente diferente do uso da aparência como artifício do melancólico ao se apresentar como figura do exílio nos casos do dandy, do palhaço, do poeta ou do estrangeiro.

¹¹ LEOPARDI, G. *Zibaldone*. 4. ed. Roma: Newton e Compton editori, 2016, p. 638. [3000] "Delle cose veramente ridicole nella società o negl'individui è ben raro trovar chi ne rida."

¹² LEOPARDI, G. Pensieri. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*. p. 647. [CVI] "Il mondo a quelle cose che altrimenti gli converrebbe ammirare ride; e biasima, come la volpe d'Esopo, quelle che invidia. Una gran passione d'amore, con grandi consolazioni di grandi travagli, è invidiata universalmente; e perciò biasimata con più calore. Una consuetudine generosa, un'azione eroica, dovrebbero essere ammirate ma gli uomini se ammirassero, especialmente negli uguali, si crederebbero umiliati; e perciò, in cambio d'ammirare, ridono. Questa cosa va tant'oltre, che nella vita comune è necessario dissimulare con più diligenza la nobiltà dell'operare, che la viltà: perché la viltà è di tutti, e però almeno è perdonata; la nobiltà è contro l'usanza, e pare che indichi presunzione, o che da se richiega lode; la quale il pubblico, e massime i conoscenti, non amano di dare con sincerità".

rados relevantes como se de modo inato estivessem destinados a brotar em qualquer contexto e como se não houvesse relação com o princípio material humano do desejo de prazer.

O exemplo que Leopardi traz da vestimenta como forma de espiritualização do corpo e de alimento para os sentimentos ligados ao espírito e não para os sentidos físicos serve para ilustrar como se naturalizou a existência das coisas espirituais e, com isso, não se percebe que mesmo os efeitos espirituais se reportam à característica propriamente humana, material, do desejo. Portanto, nada pode estar independente dele:

O gênero humano naturalmente está nu e, seguindo a natureza, pelo menos em muitas partes do globo, ele nunca faria uso de vestimentas, assim como as vestimentas são inteiramente desconhecidas, por exemplo, para os californianos. Nem o homem nem o jovem jamais teriam visto ou imaginado algo escondido nas mulheres (e as mulheres também nos homens). E não vendo nada escondido, nem podendo desejar ou esperar ver, e conhecendo bem desde o início a nudez e a forma do outro sexo, ele nunca teria sentido pela mulher outro afeto, nenhum outro sentimento, nenhum outro desejo, do que aquele que experimentamos outros animais por suas fêmeas; nem teria concebido qualquer outro pensamento sobre ela senão o de se misturar com ela carnalmente; nem a aparência, nem o pensamento, nem a companhia da mulher teriam causado nele, nem mesmo em sua juventude mais inicial, qualquer outro efeito além de um desejo tão pura e simplesmente sensual, como se pode dizer, um ímpeto para satisfazer esse desejo, e um prazer (muito lânguido em si mesmo pelo hábito e costume que começou desde o nascimento, e sempre continuou) tão carnal quanto esse desejo, e inteiramente, única e manifestamente material, isto é, pertencente e derivado da matéria e do sentido apenas (...) Tal teria sido o homem na natureza em relação à mulher, e a mulher em relação ao homem. Mas introduzido o uso de vestimentas (e ainda aqueles costumes e aquelas leis fictícias e arbitrárias da sociedade que impedem ou dificultam tirá-las do caminho quando você quer e precisa), a mulher para o homem (especialmente para o jovem inexperiente) e o homem para mulher tornaram-se quase seres misteriosos. Suas formas ocultas deram lugar à imaginação de quem os olha dessa maneira, vestidos. (...) Eis que de uma circunstância tão extrínseca, tão acidental, tão removível, como é a das vestimentas, mudou em tudo, especialmente na infância e na primeira juventude o caráter e as qualidades de um sexo respectivamente ao outro. (...) E, assim, de uma circunstância tão material, como a das vestimentas (...) nasce no homem um efeito que é quase o mais espiritual, que sempre teve lugar em sua alma, os pensamentos e sentimentos mais sublimes e mais nobres, e mais próprios do espírito, a persuasão de não ser movido senão por esse espírito, etc.; de tal circunstância real, visível e determinada nascem nele as maiores ilusões, os pensamentos mais vagos, incertos, indeterminados, a maior operação da mais fervorosa, delirante e sonhadora imaginação; de tal circunstância tão acidental um efeito tão íntimo, tão geral nos maioria dos jovens (pelo menos por

um certo tempo), tão constante, tão ligado e próprio, ao que parece, ao caráter do indivíduo¹³.

O mais espiritual é também o mais material, o desejo. Nesse sentido, a vestimenta, operando como uma estética do impedimento como caracteriza Antonio Prete¹⁴, a qual conduz a relação entre gêneros de material e ligada aos sentidos no modo de buscar satisfazer o desejo a algo espiritual e ligada aos sentimentos, à imaginação, tem ela mesma um fundamento material, portanto, ele não opera aqui uma cisão entre o material e o espiritual quando, na verdade, um alimenta o outro. E quando essa alimentação mútua se quebra, o mundo envelhece no vício dos excessos, não há mais fonte viva para a alma buscar sua nobreza e mais artificialmente ela vai seguindo. Ademais, tal exemplo da espiritualização como processo adquirido por elementos circunstanciais demonstra a disposição humana de alteração e o quão pouco há do que a natureza fez de início na humanidade, apenas o desejo. E, de tal modo, a nossa necessidade de prazer nos leva por diferentes vias para que se retorne a ela, uma delas de mediação espiritual. Um modo pelo qual a humanidade busca de forma mais duradoura, sofisticada e graciosa o prazer.

Tudo isso até aqui leva em consideração a expressão cotidiana da sociedade e o espírito do tempo destacando também a moda e a vestimenta em geral, contudo, Leopardi analisa o proceder da moda e não só aquilo em nome do que, então, pro-

¹³ LEOPARDI, G. *Zibaldone*, p. 693-694. [3304-3309] "Il genere umano naturalmente è nudo, e, seguendo la natura, almeno in molte parti del globo, egli non avrebbe mai fatto uso de' vestimenti, siccome le vesti sono affatto ignote p.e ai Californii. Nè l'uomo nè il giovane non avrebbe mai veduto nè immaginato nelle donne (e così la donna negli uomini) nulla di nascosto. E nulla vedendo di nascosto, nè potendo desiderare o sperar di vedere, e ben conoscendo fin dal principio la nudità e la forma dell'altro sesso, egli non avrebbe mai provato per la donna altro affetto, altro sentimento, altro desiderio, che quello che per lor femmine provano gli altri animali; nè avrebbe concepito intorno a lei altro pensiero che quello di mescersi seco le i carnalmente; nè l'aspetto o il pensiero o la compagnia della donna avrebbe in lui caggionato , neppur nella primissima gioventù, verun altro effetto che un desiderio il più puramente e semplicemente sensuale che possa mai dirsi, un impeto a soddisfare tal desiderio, ed un piacere (molto languido in se stesso per l'abitudine e l'assuefazione incominciata sin dalla nascita, e sempre continuata) altrettanto carnale che quel desiderio, e interamente, unicamente e manifestissima mente materiale, cioè appartenente e derivante dalla sola materia e dal senso(...) Tale sarebbe stato l'uomo in natura per rispetto alla donna, e la donna per rispetto all'uomo. Ma introdotto l'uso de' vestimenti (e di più que' costumi e quelle leggi fattizie ed arbitrarie di società che impediscono o difficultano il torli di mezzo quando si voglia ed occorra), la donna all'uomo (massime al giovane inesperto) e l'uomo alla donna sono divenuti esseri quasi misteriosi. Le loro forme nascoste hanno lasciato luogo all'immaginazione di chi le mira così vestite. (...) Ecco da una circostanza così estrinseca, così accidentale, così removibile, com'è quella de' vestimenti, mutato affatto, massime nella fanciullezza e nella prima gioventù il carattere e le qualità del'un sesso riduttivamente all'altro. (...) E così da una circostanza così materiale, com'è quella de' vestimenti (...) nasce nell'uomo un effetto il più spirituale quasi, che abbia mai luogo nel suo animo, i pensieri e i sentimenti più sublimi e più nobili e più propri dello spirito, la persuasione di non esser mosso che da esso spirito ec. ec.; da una circostanza così reale e visibile e determinata nascono in lui le maggiori illusioni, i più vaghi, incerti, indeterminati pensieri, la maggiore operazione della più fervida e più delirante e sognante immaginativa; da una circostanza così accidentale un effetto così intimo, così generale nel più de' giovani (almeno per un certo tempo), così constante, così concesso e proprio, a quel che pare, del carattere del individuo."

¹⁴ PRETE, A. *Finitudine e Infinito*: Su Leopardi. p. 95. Prete ressalta o modo pelo qual o esconder-se das coisas alimenta o desejo e move os sentimentos.

cede. Nesse sentido, é uma interpretação da moda a qual permite demonstrar que ela manifesta, vestindo os indivíduos, não só a história ou a sociedade, mas também exprime as suas necessidades e a sua natureza¹⁵.

Desse modo, comparando o processo de moda com o processo da segunda natureza de contrair opiniões e de adaptar-se, no qual sua origem se confunde com a origem da própria civilização, Leopardi afirma:

Como nosso julgamento varia de tempos em tempos, se vemos um estilo de vestir muito novo e muito diferente do comumente usado, imediatamente ou quase imediatamente o julgamos bonito, e logo sentimos a sensação de beleza, se sabemos que esse estilo é o último da moda, e se de outro modo, acontece o contrário conosco, porque esse novo estilo contrasta com o nosso hábito, bem como com a opinião. Acrescente que consideramos belo esse novo estilo de moda, mesmo quando contrasta com todas as formas de beleza recebidas, exceto que, então, basta um momento para formar o juízo do belo, mas levará proporcionalmente pouco tempo para conceber dele o sentido instantâneo, ou seja, adquirir o hábito dele, que ainda mantém seus direitos; e desfazer o hábito passado¹⁶.

É o processo descrito no *Diálogo*, pelo qual a Moda é responsável por desfazer continuamente as coisas e, portanto, permitir que elas mudem em relação ao que eram, no plano da cultura. Algo comparável também à ordem natural das coisas do mundo em que vivemos, que se renova por um processo de produção e destruição, no qual a Morte, irmã da Moda¹⁷, tem um papel importante. As irmãs, filhas da Caducidade¹⁸, agem em planos distintos, a Moda intervém no plano da cultura e a Morte no plano da natureza, mas os seus caminhos se entrelaçam quando a Moda desafia a natureza, prometendo aos corpos a juventude infinita de forma artificial e quando traz a morte, que era tão somente física e renovadora da matéria, para agir sobre a sensibilidade, sobre a memória da tradição, sobre a vitalidade.

O operar cíclico da matéria, visto como processo de produção e destruição ao qual se submete o todo das coisas do mundo é analisado por Leopardi, no *Zibaldone di pensieri*¹⁹, mas também no *Fragmento apócrifo de Estratão de*

¹⁵ TURRI, M. G. Leopardi e il capitalismo: la moda e la morte del pensiero critico. Edizione Università di Trieste: Etica e politica, Trieste, vol. XVII, 2015, 1, Disponível em: www2.units.it/etica/2015_1/TURRI.pdf, p. 240.

¹⁶ LEOPARDI, G. *Zibaldone*. p. 349. [1319] “Giacchè di momento in momento varia il giudizio, e se noi vediamo una foggia di vestire novissima, e diversissima dall'usitata, noi subito o quasi subito la giudichiamo bella, e proviamo ben tosto il senso della bellezza, se sappiamo che quella foggia è d'ultima moda, e se al contrario, il contrario ci accade, perchè quella nuova foggia contrasta si all'assuefazione nostra, come all'opinion. Aggiungete che noi giudichiamo bella quella nuova foggia di moda, quando pure contrasti a tutte le forme ricevute del bello, eccetto che allora, bastando un solo momento per formare il giudizio del bello, vi vorrà però pr oporzi onatamente qualche poco di tempo per concepirne il senso is tantaneo, vale a dire, acquistarne l'assuefazione, la quale conserva pur sempre i suoi diritti; e disfare l'assuefazione passata.”

¹⁷ LEOPARDI, G. Dialago della Moda e della Morte. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 503.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ Cf. LEOPARDI, G. *Zibaldone*. p. 388. [1530-1531]

*Lâmpsaco*²⁰. Neste texto, é possível compreender que a matéria da qual todas as coisas são feitas não perece tal como perecem as coisas materiais, desse modo Leopardi descreve sobre a força da matéria:

Portanto, essas forças, ou devemos dizer, essa força da matéria, movendo-a, como dissemos, e agitando-a continuamente, forma inúmeras criaturas dessa matéria, ou seja, modifica-a de formas muito variadas. Criaturas as quais, compreendendo-as todas juntas, e considerando-as como distribuídas em certos gêneros e certas espécies, e ligadas entre si com certas ordens e certas relações que vêm de sua natureza, são chamadas de mundo. Mas como a dita força nunca deixa de operar e modificar a matéria, assim, aquelas criaturas que ela continuamente forma, ela também as destrói, formando da matéria delas novas criaturas. Na medida em que as criaturas individuais são destruídas, os gêneros e as espécies das mesmas são mantidos, ou todos ou a maioria, e as ordens e relações naturais das coisas não mudam nem no todo nem na maior parte, diz-se que dura ainda tal mundo. (...) Nem, portanto, a matéria diminuiu onde ela é uma partícula, apenas sumiram aqueles seus tais modos de ser (...)²¹

O *Diálogo da Moda e da Morte* antecede o *Fragmento*, escrito no ano seguinte no outono de 1825, e antecipa, ao revelar pela boca da Moda a essência da morte ("Moda: (...) sei que nós duas tendemos da mesma forma a desfazer e a renovar constantemente as coisas aqui embaixo, embora você caminhe para esse efeito por uma estrada e eu por outra")²², o pensamento de que a morte é renovação e não apenas destruição, ou seja, a visão cosmológica do devir do mundo do ponto de vista da matéria universal. Esta é uma primeira relação que a personagem Moda quer estabelecer com a Morte. Colocar-se à sua altura: "A princípio eu, que anulo ou altero todos os outros costumes, nunca deixei que parasse, em nenhum lugar, a

²⁰ A Estratão Leopardi concede a visão cosmológica dos seus Opúsculos Morais. Cf. DAMIANI, R. *Stratone e la materia eterna*. In: DAMIANI, Rolando. *L'impero della ragione: studi leopardiani*. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 1994, p. 83. A escolha do autor passa por uma ideia de pessimismo antigo no qual Estratão poderia ser incluído pela característica antiprovidencialista de seu pensamento que, no entanto, conserva um traço metafísico, um mistério em relação à força da matéria, diferente do desnudamento completo da natureza, comum nas físcicas do materialismo do século XVIII. Cf. também a página 97 do mesmo texto.

²¹ LEOPARDI, G. *Frammento apocrifo di Stratone da Lampsaco*. in: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*. p. 579 "Queste forze adunque o si debba dire questa forza della materia, muovendola, come abbiamo detto, ed agitandola di continuo, forma di essa materia innumerabili creature, cioè la modifica in variatissime guise. Le quali creature, comprendendole tutte insieme, e considerandole siccome distribuite in certi generi e certe specie, e congiunte tra se con certi tali ordini e certe tale relazioni che provengono dalla loro natura, si chiamano mondo. Ma imperiocché la detta forza non resta mai di operare e di modificare la materia, però quelle creature che essa continuamente forma, essa altresì le distrugge, formando della materia loro nuove creature. Insino a tanto che distruggendosi le creature individue, i generi nondimeno e le specie delle medesime si mantengono, o tutte le più, e che gli ordini e le relazioni naturali delle cose non si cangiano o in tutto o nella più parte, si dice durare ancora quel totale mondo. (...) Né perciò la materia è venuta meno in qual si sia particella, ma solo sono mancati que' suoi tali modi di essere (...)"

²² LEOPARDI, G. *Dialogo della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 503. "Moda: (...) so che l'una e l'altra tiriamo parimente a disfare e a rimutare di continuo le cose di quaggiù, benché tu vadi a questo effetto per una strada e io per un'altra."

prática de morrer, e por isso você vê que ela dura universalmente até hoje desde o princípio do mundo."²³

Emanuele Severino aponta as contradições que Leopardi evidencia no *Diálogo*, como o fato de a Morte ser um fenômeno ao mesmo tempo inevitável e de moda²⁴: "Morte: Grande milagre, que tu não tenhas feito aquilo que não podia."²⁵ Esta resposta irônica da Morte busca evidenciar que a Moda não poderia ser capaz de se igualar a algo sem tempo como ela, no entanto, a Moda continua, nessa genealogia hipotética²⁶, buscando provar a sua potência. Por mais que ela não seja capaz de frear ou empreender um evento tão natural da vida no mundo, ela é capaz de realizar um culto da destrutividade e do efêmero, na realidade cultural, em que opera, o qual pode produzir efeitos mais irreversíveis em relação à vida da humanidade, contrários até aos efeitos de renovação e diversidade os quais a Morte põe em movimento. E como diz a Moda: "(...) tanto que este século pode ser considerado realmente o século da morte."²⁷

Fruto dessa primeira relação, o que ocorre no entrelaçamento entre a Moda e a Morte, e que tem lugar na Modernidade, é a verdadeira morte, não é mais nenhum processo de renovação, é algo mais definitivo em relação à vida da humanidade. O que o diálogo denuncia, portanto, é o envelhecimento e encaminhamento para o nada da vida humana como um todo, não só dos corpos tais como são, mas de sua obra espiritual, de seu emprego vital da existência e da tradição. É o que Leopardi chama de morte em vida ou morte sensível quando fala sobre o tédio, ao qual demos lugar na Modernidade e, segundo Leopardi:

De fato, todos os nossos males talvez encontrem seus análogos nos animais: exceto o tédio. Tanto ele foi banido pela natureza e desconhecido para ela. Como não de fato? a morte na vida? a morte sensível, o nada na existência? e o sentimento disso, e da nulidade daquilo que é, e do mesmo que o concebe e o sente, e em que subsiste? e morte e nada verdadeiro, porque as mortes e destruições corporais nada mais são do que transformações de substâncias e qualidades, e o fim delas não é a morte, mas a vida perpétua da grande máquina natu-

²³ LEOPARDI, G. *Dialago della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 504. "Primieramente io che annullo o stravolgo per lo continuo tutte le altre usanze, non ho mai lasciato smettere in nessun luogo la pratica di morire, e per questo vedi che ella dura universalmente insino a oggi dal principio del mondo."

²⁴ SEVERINO, E. *Cosa arcana e stupenda: L'Occidente e Leopardi*. Milano: Rizzoli, 1997, p. 350.

²⁵ LEOPARDI, G. *Dialago della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 504. "Morte: Gran miracolo, che tu non abbi fatto quello che non hai potuto".

²⁶ ALOISI, A.. *La moda e la morte*: invenzione de una genealogia mítica. In: ABBRUGIATI, P. (org.). *Le mythe repensé dans l'œuvre de Giacomo Leopardi*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2016. Fala de uma genealogia mítica que aproxima Moda e Morte de modo a se tornar evidente a indistinção de fundo entre natureza e cultura que são as realidades às quais as duas potências se referem. Tal indistinção não levaria a um determinismo vulgar da natureza sobre a cultura, mas à compreensão do que é natureza na humanidade, em que ela opera, quais os nossos limites diante dela e como lidar com ela, principalmente com a realidade da Caducidade e do devir das coisas, p. 321.

²⁷ LEOPARDI, G.. *Dialago della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 504. "(...) tanto che questo secolo si può dire con verità che sia proprio il secolo da morte."

ral e, portanto, foram desejadas e ordenadas pela natureza.²⁸

A moda é aquilo que fizemos da cultura diante da tragédia existencial, diante da inevitabilidade da morte individual. O processo de renovação tem se conduzido superficialmente, sem variedade²⁹, com pouco emprego da existência e, com uma não tão grande diferença em relação aos ataques com a finalidade do perecimento do corpo. Assim diz a Moda para a Morte:

(...) eu, em teu favor, coloquei em desuso e esquecimento os esforços e exercícios que beneficiam o bem-estar corporal, e introduzi ou trouxe como favoráveis inúmeros que destroem o corpo de mil maneiras e encurtam a vida. Além disso, coloquei no mundo tais ordens e costumes que a própria vida, em relação ao corpo e à alma, está mais morta do que viva.³⁰

Desse modo, há a decadência do corpo vigoroso que antes movia o ser humano, dava um grande sentimento de si mesmo, movimentava a sua imaginação e tornava até mesmo o espírito enérgico e nobre, portanto, o bem-estar do corpo não se voltava apenas para o benefício físico, mas para um emprego do corpo de forma viva, com pleno exercício das faculdades³¹. Do contrário, o que ocorre é a promessa aos corpos de juventude infinita de forma artificial, sem preocupação nenhuma com o bem-estar do próprio corpo.

Há também a decadência da tradição, do modo pelo qual os seres humanos, os costumes e obras adquiriam valor além do tempo da vida do corpo físico:

Finalmente porque via que muitos se gabavam de querer se tornar imortais, ou seja, não morrerem por inteiro, porque boa parte de si

²⁸ LEOPARDI, G. *Zibaldone*, p. 502. [2220-2221] "Tutti i nostri mali infatti possono forse trovare i loro analoghi negli animali: fuorchè la noia. Tanto ell'è stata proscritta dalla natura, ed ignota a lei. Come no infatti? la morte nella vita? la morte sensibile, il nulla nell'esistenza? e il sentimento di esso, e della nullità di ciò che è, e di quegli stesso che la concepisce e sente, e in cui sussiste? e morte e nulla vero, perché le morti e distruzioni corporali, non sono altro che trasformazioni di sostanze e di qualità, e il fine di esse non è la morte, ma la vita perpetua della gran macchina naturale, e perciò esse furono volute e ordinate dalla natura."

²⁹ LEOPARDI, G. *Zibaldone*, p. 108. [147-148] "No geral se pode dizer que a tendência do espírito é de reduzir todo mundo a uma nação, e todas as nações a uma só pessoa (...) que estímulo restará às grandes coisas, e que esperança de grandeza, quando o seu objetivo não é senão outro que igualar-se a todos os outros? È in genere si può dire che la tendenza dello spirito moderno è di ridurre tutto il mondo una nazione, e tutte le nazioni una sola persona. (...) che stimolo resterà alle grandes coisas, e que esperança de grandeza, quando il suo scopo non sia altro che l'uguagliarsi a tutte le altre?"

³⁰ LEOPARDI, G. Dialago della Moda e della Morte. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 504. "(...) io per favorirti ho mandato in disuso e in dimenticanza le fatiche e gli esercizi che giovano al ben essere corporale, e introdotto o recato in pregio innumerabili che abbatono il corpo in mille modi e scorciano la vita. Oltre di questo ho messo nel mondo tali ordini e tali costumi, che la vita stessa, così per rispetto del corpo come dell'animo, è più morta che viva."

³¹ Sobre a relação corpo e alma, matéria e espírito conferir: LEOPARDI, G.. *Zibaldone*, p. 419 [1700] e p. 422 [1719].

mesmos não teria caído em suas mãos, embora eu soubesse que isso era bobagem, e que quando eles ou outros viviam na memória dos homens, viviam, por assim dizer, como uma brincadeira, e não gozavam de sua fama mais do que sofriam com a umidade da sepultura; em todo caso, entendendo que este negócio dos imortais te irritava, porque parecia que te diminuísse a honra e reputação, retirei esse costume de buscar a imortalidade, e também de concedê-la caso alguém a merecesse. De modo que no presente, quem morre, esteja seguro de que não resta um resquício que não esteja morto, e que lhe convém mais ir para debaixo da terra imediatamente, como um peixinho que é engolido em uma bocada com toda a cabeça e as espinhas³².

Nesse sentido, principalmente, Leopardi alerta que é preciso também uma preocupação com a morte no universo da cultura; esta também deve causar pesadelos como a outra morte, e aponta ainda que fenômenos de cultura como a moda, que traduzem antecipadamente os sintomas da sociedade, devam buscar desafiar essa morte no plano das obras humanas e não servir a ela. Lamentavelmente, pelo caminho ficaram as possibilidades de renovação do mundo de desafio ante o poder das desgraças³³ que a cultura ou fenômenos como a moda poderiam beneficiar com costumes e comportamentos que não tornassem tão vãos os indivíduos ante as massas. Resta a figura leopardiana do indivíduo desacreditado da glória, mas com a força para seguir heroicamente oriunda justamente da coragem de encarar esse destino:

Os outros esperam para agir, na medida em que os tempos permitem, e gozar o que comporta esta condição mortal. Os grandes escritores, incapazes, por natureza ou hábito, de muitos prazeres humanos, privados de muitos outros por vontade; não raramente negligenciados na associação dos homens, se não talvez pelos poucos que seguem os mesmos estudos, estão destinados a levar uma vida semelhante à morte, e viver, se o conseguirem, depois de sepultados. Mas nosso

³² LEOPARDI, G. *Dialago della Moda e della Morte*. In: LEOPARDI, G. *Tutte le poesie e tutte le prose*. pp. 504-505. "Finalmente perch' io vedeva che molti si erano vantati di volersi fare immortali, cioè non moriri interi, perchè una buona parti di se non ti sarebbe capitata sotto le mani, io quantunque sapessi che queste erano ciance, e che quando costoro o altri vissero nella memoria degli uomini, vivevano, come dire, da burla, e non godevano della loro fama più che patissero dell'umidità della sepoltura; a ogni modo intendendo che questo negozio degl'immortali ti scottava, perchè parea che ti scemasse l'onore e la riputazione, ho levata via quest'usanza di cercare l'immortalità, ed anche di concederla in caso che pure alcuno la meritasse. Di modo che al presente, chiunche si muoia, sta sicura che non ne resta un bricio che non sia morto, e che gli conviene andare subito soterra tutto quanto, come un pesciolino che sia trangugliato in un bocccone con tutta la testa e le lische".

³³ Cf. LEOPARDI, G. *Zibaldone*, P. 436 [1801].

fado, onde isso leve, é seguir com ânimo forte e grande; coisa exigida acima de tudo de sua virtude, e daqueles que se assemelham a ti³⁴.

REFERÊNCIAS

- ALOISI, Alessandra. La moda e la morte: invenzione di una genealogia mitica. In: ABBRUGIATI, Perle (Org.). *Le mythe repensé dans l'œuvre de Giacomo Leopardi*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2016. pp. 317-325.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- BINNI, Walter. **Opere complete di Walter Binni**: Leopardi, scritti 1964-1967. v. II. Firenze: Il Ponte Editore, 2014.
- DAMIANI, Rolando. **L'impero della ragione**: studi leopardiani. Ravenna: Longo Editore Ravenna, 1994.
- LEOPARDI, Giacomo. **Tutte le poesie e tutte le prose**. 2. ed. Roma: Newton Compton editori, 2018.
- LEOPARDI, Giacomo. **Zibaldone**. 4. ed. Roma: Newton e Compton Editori, 2016.
- PRETE, Antonio. **Finitudine e Infinito**: Su Leopardi. 2. ed. Milano: Campi del sapere/Feltrinelli, 1998.
- PRETE, Antonio. **La poesia vivente**. Leopardi con noi. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 2019.
- SANSONE, Mario. **Storicità e letteratura: da Machiavelli a Leopardi**. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1997.
- SEVERINO, Emanuele. **Cosa arcana e stupenda**: L'Occidente e Leopardi. Milano: Rizzoli, 1997.

³⁴ LEOPARDI, Giacomo. Il Parini, ovvero ela gloria. In: LEOPARDI, Giacomo. *Tutte le poesie e tutte le prose*, p. 551. "Gli altri attendono a operare, per quanto concedono i tempi, e a godere, quanto comporta questa condizione mortale. Gli scrittori grandi, incapaci, per natura o per abito, di molti piaceri umani; privi di altri molti per volontà; non di rado negletti nel consorzio degli uomini, se non forse dai pochi che seguono i medesimi studi; hanno per destino di condurre una vita simile alla morte, e vivere, se pur l'ottengono, dopo sepolti. Ma il nostro fato, dove che gli traggia, è da seguire con animo forte e grande; la qual cosa è richiesta massime alla tua virtù, e di quelli che ti somigliano."

TURRI, Maria Grazia. Leopardi e il capitalismo: la moda e la morte del pensiero critico.
Edizione Università di Trieste: Etica e politica, Trieste, vol. XVII, 2015, 1, Disponível em:
www2.units.it/etica/2015_1/TURRI.pdf pp. 229-249.

Autora especialmente convidada.
Artigo recebido no segundo semestre de 2022.